

Jovens da Amato Lusitano ouvem falar de droga

Do charro ao abismo



Alunos dos 15 aos 19 anos estão a conhecer a droga para que nunca a experimentem

A Escola Secundária Amato Lusitano, em colaboração com o Comando Distrital da PSP e o Projecto Millenium estão a sensibilizar mais de 600 jovens para os problemas causados pelo consumo de droga. O projecto vai ainda chegar aos professores, funcionários e encarregados de educação.

Carlos Anjos começou a fumar haxixe com apenas 13 anos de idade e fê-lo durante muito tempo. O vício nunca interferiu muito com o seu desenvolvimento pessoal. Aos 28 anos, quando já era um empresário com algum sucesso, foi à procura do produto para satisfazer a necessidade que sentia. Abordou então o fornecedor habitual, mas este só tinha heroína para vender. Avesso a experiências mais pesadas, Carlos disse que “não” e fê-lo nos dias seguintes. Ao quinto dia deixou-se levar pela heroína e a partir daí desceu ao abismo. Só a heroína conseguia acabar com a sensação de mau es-

tar, apatia ou falta de apetite. A ressaca era tão violenta que um dia pegou numa mochila e colocou lá dentro uma corda para se enforcar num pinhal perto de casa. Não o fez e hoje em dia lidera o Millenium, um projecto de esclarecimento e sensibilização da toxicodependência. A história de Carlos foi contada na primeira pessoa a uma plateia de jovens da Escola Secundária Amato Lusitano. O Projecto Millenium, em conjunto com o comando da PSP de Castelo Branco e a direcção da escola, estão a organizar desde Fevereiro uma campanha contra a toxicodependência. “Reconquista” assistiu a uma destas sessões que começa com a PSP. Dois dos elementos da polícia de Castelo Branco explicam o que é cada droga, mas sobretudo o que não é. A pureza é apenas uma ilusão, e no caso da heroína esta anda entre os 7 e os 10 por cento. Tudo o res-

to são produtos como carvão animal ou acetona, no caso da heroína, ou gesso, farinha e pó de talco, quando se fala da cocaína. “Os produtos são muitas vezes alterados e o que eles estão a tomar pode ser completamente adulterado sem o saberem” conclui António Mendes da PSP de Castelo Branco, que também participou na acção de sensibilização. Esta é uma forma de “alertar para os riscos que eles correm” diz o chefe da PSP, e o projecto já está a dar alguns frutos, havendo já contactos de outras escolas que estão interessadas em receber este tipo de formação.

Otília Duarte, a presidente do conselho executivo da Escola Secundária Amato Lusitano, reconhece que “por mais que nós os avisemos não é a mesma coisa, já que quando são confrontados com casos reais eles assustam-se” e foi, de facto, o que se passou. Se durante a

explicação da PSP ainda houve algumas observações mais descontraídas, quando Carlos Anjos e um outro responsável do Millenium começaram a relatar a sua história o silêncio foi total e nem mesmo quando a campanha tocou para a saída houve qualquer reacção dos jovens.

Desde Fevereiro as turmas trocam uma aula de 90 minutos para assistir a uma destas sessões, para que todos os mais de 600 alunos da Amato Lusitano possam ouvir falar da droga. Para além destes, a sensibilização está também a chegar aos professores, funcionários e ainda aos encarregados de educação, através da Associação de Pais. Esta sessão em particular será organizada à noite para que os pais possam assistir e assim tentar ler os sinais para saberem se os filhos andam na droga.

Carlos Anjos assume a terapia de choque como a melhor abordagem para evitar que os jovens caiam no erro que ele cometeu, porque “às vezes não é só com palavras mansas que se consegue alertar para o problema” diz. “Eles estão a ver uma pessoa que viveu aquele mundo e que lhe está a alertar para a forma como podem vir lá a cair com o consumo do haxixe que é a grande porta de entrada para as restantes drogas (...) se calhar da próxima vez que enrolarem um charro vão lembrar-se destas palavras”.

José Furtado

A droga da violação

Chama-se GHB e é uma das drogas mais recentes. Aquela que também é conhecida como a “droga da violação” é consumida de forma involuntária. O utilizador de GHB coloca a droga de forma dissimulada num copo de bebida sem que as vítimas, sobretudo mulheres, se apercebam. Depois de fazer efeito, a vi-

tima é raptada e violada. Quando o efeito passa, esta não consegue identificar quem a violou. O fenómeno ainda não teve casos registados em Castelo Branco, mas a PSP deixa o alerta “nunca abandonem os vossos copos e exijam que as garrafas sejam abertas à vossa frente” aconselha António Mendes.